

A Educação do Jovem diante dos Desafios Contemporâneos

Prof.^a Dr.^a Sílvia Regina Brandão
Univ. Municipal de Ensino Superior de São Caetano
silviabrandao@gmx.net

Os desafios presentes no campo da educação hodierna vão além da necessidade de investimentos para aquisição de excelência técnica e de recursos materiais adequados. Há que se considerar o contexto cultural no qual estão imersos as instituições educacionais, bem como as pessoas que nelas se encontram, educadores e estudantes, marcado por tendências que devem ser consideradas por uma educação que vise formação integral da pessoa no século XXI.

Assumindo como referência o pensamento do grande filósofo e educador Romano Guardini (1885-1968) procuraremos identificar importantes características da forma de pensar atual, que têm suas raízes na crise da modernidade e oferecer alguns subsídios para compreendê-las e enfrentá-las.

O conhecimento e a avaliação crítica do contexto cultural constituem parte importante do processo educativo:

"Se existe um verdadeiro trabalho formativo, ele é: voltar a levantar barreiras no caos; assinalar seus limites, separar umas esferas de outras; distinguir as diversas categorias de espíritos; (...) não chamar essa desolação de ordem, mas conservar as diferenças. Dizer claramente que a desordem é desordem, que o despudor é despudor. E ter o desejo que isso mude." (Guardini, 1965, pp. 129 e 130). (tradução nossa).

Podemos identificar algumas tendências marcantes na mentalidade contemporânea, que acompanham educadores e educandos em todos os níveis de ensino e devem necessariamente ser enfrentadas para uma formação integral da pessoa.

1. Desencanto e ceticismo: é desconcertante verificar que a atmosfera cética, nihilista não é "privilegio" de adultos ou intelectuais, mas é uma característica marcante da sociedade contemporânea que afeta de modo particular os adolescentes e jovens. Parece ser consenso que não há valor ou razão pela qual valha à pena lutar ou entregar a própria existência. Esse desencanto tem origem na crise da modernidade, no fracasso do otimismo racionalista e falência das ideologias. Ao contrário do que se supunha o extraordinário avanço técnico-científico não aumentou a segurança e tranquilidade humanas; a confiança no que se acreditava ser o ilimitado progresso da ciência gerou uma capacidade inimaginável de destruição. A percepção do perigo e da ameaça está presente e assume proporções inéditas.

Romano Guardini, em uma obra dedicada á crise da modernidade reconhece como frutos impressionantes da época moderna o extraordinário progresso tecnológico e científico, a emancipação do homem, agora autônomo para decidir e conduzir a própria existência, para ser ousado e criador, para apostar na própria capacidade de conhecimento e avaliação; essas são características que o homem conquistou para sempre. Entretanto, faz parte da herança deixada pela modernidade uma desilusão já que a confiança racionalista de que a cultura e a ciência seriam capazes de autorregular, aumentando a segurança do homem e do mundo não se verificou; pelo contrário, quanto mais cresce o poder do homem, mais se verifica a sua incapacidade de utilizá-lo de forma justa. Acerca desse paradoxo Guardini comenta:

"O homem tem poder sobre as coisas, mas digamo-lo com mais certeza ainda, não tem poder sobre seu próprio poder. O homem é livre e pode usar o poder como quiser. Mas é aí precisamente que se encontra a possibilidade de lhe dar uma utilidade falsa; falsa no sentido de má como no de destruidora. O que garante uma utilização correta? Nada. Nada garante que a liberdade tome a decisão certa. Tudo o que pode existir é apenas probabilidade, que reside no fato de a boa vontade se tornar estado de espírito, numa atitude, num caráter. Mas a análise sem preconceitos deve concluir que não existe uma educação de caráter que torne possível a utilização correta do poder." (Guardini, 2000, p.74).

Desse modo, hoje se verifica com perplexidade que a razão instrumental - capaz de conhecer e controlar aspectos mensuráveis da realidade - revelou-se extremamente genial e, ao mesmo tempo, incapaz de dar conta de todos os aspectos da realidade.

Esse desencanto foi vivenciado também diante da falência das ideologias tanto de esquerda quanto de direita, pois não resultaram na melhoria de condição de vida da maioria da população mundial, tendo gerado violência e morte. Desse modo, o homem descobre-se ressentido, vive "um ressentimento contra 'tudo que é dado, mesmo com sua própria existência'; ressentimento contra 'o fato de que ele não é o criador do universo nem de si mesmo'. Levado por esse ressentimento fundamental 'a não ver o menor sentido no mundo como ele se apresenta', o homem moderno 'proclama abertamente que tudo é permitido, e crê secretamente que tudo é possível.'" (Finkielkraut, 1998, p.117).

Desse modo, constitui um problema central para o homem e, de forma especial, para o educador atual enfrentar esse desconcerto, que conduz a pensar que tudo é possível exatamente porque, no fundo, nada interessa ou vale a pena. Daí o relativismo de valores, que torna extremamente trabalhoso e cansativo definir (e ainda mais exigir...) o que é certo/errado em uma sala de aula ou na convivência familiar, resultando na falta de limites dos alunos que parecem se sentir merecedores de todo o direito e dispensados de qualquer dever. A sensação de desorientação e a busca de referências são reveladas por essa canção popular:

Onde Ir *Vanessa da Mata*

Eu não sei o que vi aqui

Eu não sei pra onde ir

Eu não sei o que vi aqui

Eu não sei pra onde ir

Eu não sei por que moro ali
Eu não sei por que estou
Eu não sei pra onde a gente vai
Andando pelo mundo
Eu não sei pra onde o mundo vai
Nesse breu vou sem rumo

Só sei que o mundo vai de lá pra cá
Andando por ali, por acolá
Querendo ver o sol que não chega
Querendo ter alguém que não vem.

2. **Hedonismo e utilitarismo:** a lógica da "objetivização", que torna as coisas passíveis de serem conhecidas e controladas, penetrou em diversos aspectos da vida humana de tal forma que tudo deve estar a serviço do deleite e usufruto do homem, inclusive os relacionamentos interpessoais. A outra pessoa é considerada como alguém que se pode dominar ou desfrutar, um meio para atingir determinado fim: atingindo-se o objetivo é descartada, quando deixa de ser agradável é ignorada. O bem-estar e o prazer são assumidos consciente ou inconscientemente como norteadores de decisões e atitudes.

O desejo é tão valorizado quanto reduzido, pois facilmente se censura a tensão que o desejo propicia. Como relata um juiz de menores italiano:

"Impressiona-me cada vez mais a incapacidade de tantos, principalmente dos jovens (mas não só deles...), para aceitar tensões intermediárias: um casamento não pode ter problemas: ou é maravilhoso, ou se desfaz; um trabalho não pode ter suas dificuldades: ou é gratificante, ou muda-se de emprego; (...) Poderíamos continuar exemplificando indefinidamente, mas penso que está claro o sentido do que quero dizer: não estamos mais habituados ao esforço, ao sofrimento das tensões intermediárias, e isto porque: ou perseguimos uma plenitude inatingível ou mergulhamos na depressão e na ruína." (Argentine in Lauand, p. 28).

O homem atual revela dificuldades para entender o valor de qualquer empreendimento que exija esforço e tempo para se realizar; o medo do sofrimento, a aversão ao sacrifício parece prevalecer.

O reflexo dessa mentalidade para o campo da educação é claramente sentido na morosidade com que são atendidas as propostas de trabalho feitas pelo professor, na falta de paciência e de empenho para com atividades mais exigentes e complexas. A opção normalmente não é pelo melhor, mas pelo mais fácil e rápido, pelo que exige menos.

Desse modo, a mentalidade hedonista e utilitarista além de favorecer a instabilidade e fragilidade dos vínculos afetivos – torna confusa a distinção entre bem-estar e realização pessoal, prazer e amor – tende a empobrecer o processo de aprendizagem que por natureza exige tempo e empenho.

3. **Anonimato:** a impessoalidade na sociedade contemporânea é mais um traço a ser enfrentado na condição existencial do homem atual. O *homem das massas*, segundo Guardini, é levado a abrir mão de sua originalidade e responsabilidade no modo de conduzir a vida, aceitando o que lhe é proposto ou imposto exteriormente. Essa atitude é fruto da normatização de comportamento, verificados quando se reduz o homem a um número, um mero cliente ou a mais um entre tantos alunos ou funcionários. Ele descreve com lucidez a postura que esse *homem das massas* é estimulado a assumir: "o homem como esse, de modo nenhum, tem vontade de ser particular na sua estrutura original da condução da sua vida, nem mesmo de criar para si um ambiente que se refira completamente a ele e se possível só a ele. Ele aceita antes as coisas correntes e as formas de vida que lhe são impostas pela planificação racional e pelos produtos em série da máquina e de uma maneira geral aceita isso com a idéia de que tudo está certo assim: mesmo quando não tem vontade de viver segundo a sua própria iniciativa. A liberdade de movimento interior e exterior parece não ter para ele um valor fundamental. Insere-se com naturalidade na organização que á a forma da massa e obedece ao programa de acordo como *dictum* 'o homem sem personalidade'. O instinto desta estrutura do homem leva precisamente a não se distinguir enquanto indivíduo mas a ficar anônimo – quase como se a autonomia constituísse a forma fundamental de toda a injustiça e o princípio de todo o perigo." (Guardini, 2000, p. 55).

No contexto da *massa*, não há espaço para individualidade e desaparece o sentido da existência pessoal, condição essencial para a relação educativa, que se estabelece por meio do encontro entre duas individualidades e do enriquecimento mútuo. Essa tendência foi reforçada sobremaneira pelo fenômeno da globalização, que dificulta a expressão e valorização de valores particulares e pelo uso cada vez mais freqüente da internet para se estabelecer relacionamentos interpessoais, já que a relação virtual possibilita a identificação com imagens, estereótipos ou mesmo valores que não correspondem às reais características individuais.

Essas características estão presentes na mentalidade do homem contemporâneo, mesmo que ele não tenha consciência disso. Para que elas possam ser enfrentadas é necessária uma relação educativa. A relação educativa, por excelência, constitui uma relação de encontro – conceito amplamente desenvolvido atualmente pelo influente filósofo da educação espanhol Alfonso López Quintás, (QUINTÁS, 2004) – um espaço propício para a formação da pessoa, em que ela pode ser considerada e ajudada a descobrir a singularidade de seu ser, desenvolver-se como pessoa.

Encontrar significa algo mais que uma mera relação com as coisas ou as pessoas: significa situar-se espiritualmente diante delas, reconhecê-las, descobrir seu valor, tomar uma posição em relação a elas.

Guardini explica que o encontro acontece graças à capacidade humana de ver, conhecer, apreciar, isto é, “de penetrar com o próprio ser e a própria vida no sentido dos acontecimentos, deixar-se influir pela sua verdade e pelo seu valor, e ser assim formado por eles.” (Guardini, 1958, p.33). Desse modo, a experiência do encontro é essencial para o desenvolvimento do ser pessoal: ela nasce, amadurece e se realiza por meio do encontro. O homem está referido a outros, necessita constantemente ser recebido por alguém e, também, recebê-lo: “Está a pessoa, na forma de diálogo, essencialmente ordenada à outra pessoa. Está por natureza destinada a tornar-se o ‘eu’ de um ‘tu’. A pessoa fundamentalmente só não existe.” (Guardini, 1963, p.180)

Por meio do encontro educativo a pessoa pode descobrir características de seu ser que são fundamentais para seu desenvolvimento e realização. Sublinharemos aqui três delas:

1. A pessoa reconhece a singularidade de seu ser. Cada pessoa é única e irrepitível e por meio do processo formativo será a pessoa convidada a realizar aquilo para que foi consignada, isto é, para ser ela mesma. Para Guardini: o homem é concebido como princípio, como possibilidade totalmente nova no mundo. Cada pessoa torna possível um modo de ser inteiramente novo, porque fundado em sua interioridade, em sua individualidade; ela é capaz de dar um novo início, de uma ação e criação inéditas, movida por si mesma, isto é, por alguém que não existiu no passado e que não existirá no futuro, mas que existe apenas nesse preciso momento. ´

Guardini explica com perspicácia o princípio original que é o ser humano:

“O homem, mesmo enquadrado no conjunto da natureza, é princípio em sentido estrito, princípio de movimento, origem de acontecimentos, ponto de partida de um devir. E é-o não apenas como a semente, que sendo princípio de uma série de fórmulas biológicas, em si, não é mais que o produto de um indivíduo da mesma espécie, e que, por isso, é apenas uma fase de sua vida total. O homem é princípio, de uma maneira especial, simultaneamente cheia de sentido e de risco. De tal modo que cada indivíduo humano começa de novo a existência, e este começar realiza-se constantemente no seu viver em cada ação realmente livre.” (Guardini, 1958, p. 21).

No encontro a pessoa experimenta que é importante por si, não pela sua utilidade ou capacidade; é chamada, estimulada a contribuir a partir de sua originalidade. Como ser único e irrepitível, ela enfrenta o mundo, depara-se a cada instante com a totalidade do que existe e é convocada a responder à realidade com o seu modo de ser singular. A relação educativa concebida como encontro torna-se um espaço fundamental para salvar o humano do perigo da massificação e da conseqüente manipulação, já que por meia dela verifica-se a capacidade pessoal de pensar e agir a partir de uma força interior, que é capaz de estabelecer um novo início sempre.

2. Descobrimo seu valor único, próprio, a pessoa reconhece que há em si uma interioridade. Guardini explica que, mesmo do ponto de vista biológico, a vida provem do interior – seja o nascimento ou o próprio crescimento físico. Também a existência humana é construída a partir do interior e é dele que procede toda a profundidade da experiência humana: “profundidade aqui não significa a direção contrária à ‘altura’, mas a ‘direção para dentro’”. (Guardini, 1963, p.62)

Por meio do encontro educativo a pessoa é ajudada a identificar a profundidade e abrangência de suas exigências e desejos, sem censurar ou reduzir nenhum aspecto. Reconhece em si exigências elementares de verdade, beleza, justiça, amor, etc.. e que servem de critério para avaliar tudo e de bússola para guiar as escolhas e ações no mundo. Apropriando-se desse núcleo interior a pessoa responde por si mesma, instala-se em si mesma. Não há situação exterior – histórica, sociológica, política, cultural – ou interior – fase da vida, estado físico, posicionamento moral – que separe a pessoa de si. Ainda que esteja acometida por uma doença mental, o desequilíbrio ocorre nas funções psicológicas que amparam a consciência pessoal, mas não afeta a singularidade e unidade da pessoa; pois cada um possui uma maneira única de ser e de enfrentar a condição de estar doente.

Convidar ou mesmo desafiar o educando a aprender com a experiência é fundamental particularmente na mentalidade pragmática e utilitarista como indica

Hanna Arendt: “Infelizmente,” esclarece Hannah Arendt “parece ser mais fácil convencer os homens a se comportarem da maneira mais impensável e ultrajante, do que convencê-los a aprender com a experiência, a pensar e a julgar de verdade, em vez de aplicar categorias e fórmulas pré-constituídas na nossa cabeça.” (Arendt, 2003, p.31)

No encontro com o educador, sentindo-se ouvida e acolhida a em suas necessidades, o educando descobre que não é forçoso deter-se na superfície das coisas, dos relacionamentos; faz a experiência de há um caminho na vida, uma possibilidade real de desenvolvimento, de afirmação de sua própria humanidade. Percebe que quando atende a esses pedidos, a essas exigências de verdade, de amor, de beleza experimenta correspondência inédita, um crescimento, um avanço no processo de realização pessoal.

3. Desse modo, evidencia-se que o processo de auto-realização é algo mais complexo e mais instigante do que o mero bem-estar ou prazer fugaz. A auto-realização é um processo que envolve a totalidade da vida humana, pede uma atenção à vida em seu conjunto de forma que o ser humano possa realizar-se, dar-se bem enquanto homem, não apenas em determinados aspectos. Kierkegaard já afirmava que a realização, felicidade é “uma porta que abre para fora e se a forçamos para abri-la para dentro emperra” (Kierkegaard in Lauand 1988, p. 22) e, por isso, ao contrário do que afirma a lógica hedonista, ela não é resultado de uma decisão ou determinação pessoal, mas algo que se recebe de fora. “Aquilo que torna feliz é algo que está fora da alma. (I-II, 2, 7)” (Pieper, 1969, p. 24). Além disso, o processo de auto-realização é construído durante toda a vida, é um movimento dinâmico, contínuo, no qual o homem experimenta invariavelmente sua existência como um ‘ainda não’ ou um constante ‘tornar-se’, ‘vir-a-ser’. A pessoa está sempre a caminho de sua plena realização, é um caminhante, um peregrino que se encontra em um percurso.

Desse modo, o diálogo entre o contexto cultural atual e características antropológicas fundamentais confirma a relevância e a fecundidade do processo educativo para o desenvolvimento integral da pessoa no momento atual. De fato, o processo formativo é capaz de favorecer o discernimento dos valores propostos pela cultura, bem como de oferecer um aprofundamento e, ao mesmo tempo, uma ampliação da consciência que a pessoa tem de si. Não há circunstância histórica e cultural que impeça a possibilidade do encontro educativo, como documentou Romano Guardini que se tornou referência intelectual e humana – de modo particular para várias gerações de alunos universitários alemães – exatamente por buscar afirmar e dialogar acerca da verdade integral do homem diante das circunstâncias dramáticas do período entre guerras e posterior à segunda guerra mundial.

Bibliografia

- FINKIELKRAUT, Alain. *A humanidade perdida: ensaio sobre o século XX*. São Paulo: Ática, 1998.
- GUARDINI, R. (2000). *O fim da Idade Moderna*. (M.S. Lourenço, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1950).
- ARENDR, H. *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.
- GUARDINI, R. (1965). *La fe en nuestro tiempo*. (A. P. S. Pascual, Trad.) Madrid: Ediciones Cristiandad. (Original publicado em 1961).
- GUARDINI, R. *Liberdade, Graça e Destino*. Lisboa, Áster, 1958.
- GUARDINI, R. *O Mundo e a Pessoa. Ensaio para uma doutrina cristã do Homem*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1963.
- LAUAND, J. *Ética: questões fundamentais*. São Paulo, EDIX-DLO\ FFLCHUSP, 1994.
- PIEPER, J. *Felicidade e Contemplação, Lazer e Culto*. São Paulo, Herder, 1969.
- QUINTÁS, A. L. *Inteligência criativa: a descoberta pessoal aos valores*. São Paulo: Paulinas, 2004.